REVISÃO DE EXPECTATIVAS

O processo de retomada da atividade na construção está sendo mais demorado do que se esperava

Ana Maria Castelo e Robson Gonçalves

O segundo semestre de 2013 está sendo marcado pela revisão das expectativas de crescimento da construção. A perspectiva de retomada que havia entre empresários e analistas do setor no início do ano não se confirmou até aqui. A mudança de ânimo foi registrada pelos resultados das duas últimas edições da Sondagem da Construção SindusCon-SP/FGV, realizadas nos dois últimos trimestres.

Em agosto, a percepção dos empresários em relação ao desempenho de suas empresas confirmou o desempenho desfavorável observado no trimestre anterior. O resultado reflete o cenário que passou a predominar no setor ainda no primeiro semestre do ano e indica que a recuperação das taxas de crescimento está sendo postergada. Assim, esses dados corroboram a revisão para baixo das projeções de crescimento setorial, de 3% para 2%.

Os números recém-divulgados do PIB da construção para o segundo trimestre do ano foram em sentido contrário ao do desempenho das empresas captado pela Sondagem da Construção no segundo trimestre. Esse aparente paradoxo sugere que as obras de reforma e manutenção e de autogestão realizadas pelas famílias devem estar registrando maior dinamismo, impulsionadas pelo crédito e pela renda. As taxas de crescimento das vendas do comércio varejista de material de construção – muito superiores à média do próprio comércio varejista – também sugerem essa dinâmica. Ou seja, depois de vários anos crescendo em ritmo superior à média setorial, em 2013 o desempenho das empresas, captado pela Sondagem da Construção, deve ser menor e ficar abaixo da média.

A desaceleração da atividade das empresas já mostra seus reflexos sobre o mercado de trabalho. A pesquisa de emprego FGV/SindusCon-SP com dados do MTE registrou em julho queda na comparação de 12 meses, a primeira desde que a pesquisa passou a ser realizada em 2006. A despeito do desempenho aquém do esperado, a Sondagem da Construção apontou também que as empresas ainda não estão pessimistas em relação às perspectivas de desempenho futuro. No entanto, a confiança empresarial é menor do que se registrava no mesmo período do ano passado.

Os números do emprego refletem o arrefecimento da atividade das empresas. A taxa de crescimento, que em julho de 2012 atingiu 5,6% na comparação com o mesmo mês de 2011, registrou em julho deste ano a primeira queda desde 2006 neste tipo de comparação

Perda de dinamismo

O ritmo lento que persiste na construção pode ser identificado em diversos indicadores. Os números do emprego refletem o arrefecimento da atividade das empresas. A taxa de crescimento, que em julho de 2012 atingiu 5,6% na comparação com o mesmo mês de 2011, registrou em julho deste ano a primeira queda desde 2006 neste tipo de comparação.

Três dentre os oito segmentos que compõem a atividade da construção reduziram o estoque de empregos nesse período: edificações, infraestrutura e preparação de terrenos, com quedas de 2,1%, 1,8% e 0,5%, respectivamente. Somados, esses segmentos respondem por 62% do total de empregados no setor.

A queda do emprego na preparação de terrenos tem importância especial, pois indica que a atividade antecedente do segmento de edificações ainda não dá sinais de retomada. Ou seja, ainda não se pode falar do reinício de um novo ciclo de obras.

Ainda na comparação com julho de 2012, os segmentos que apresentaram as maiores taxas de crescimento foram obras de acabamento, obras de instalações e incorporações de imóveis. Em 2013, esses segmentos têm puxado o crescimento do setor. Mas, com a demora na recuperação de segmentos antecedentes, eles têm crescido a taxas cada vez menores. Com esse resultado, o crescimento do emprego na construção acumulado no ano de 2013 até julho foi de 1,1% e deve ficar até o final do ano próximo de zero.

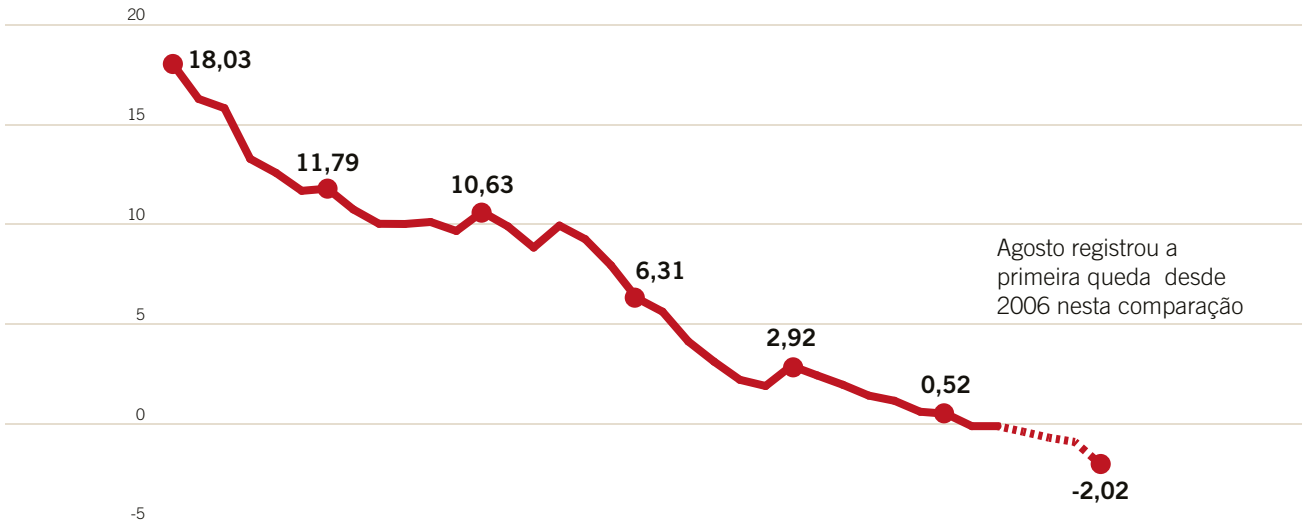
A análise dos dados por região revela que a redução do ritmo de crescimento tem sido abrangente. No entanto, a região Nordeste é a única onde ela já se traduz em queda, ou seja, o estoque de empregados em 2013 no setor diminuiu (-1,02%) em relação ao ano passado. A queda decorreu da forte redução do emprego nos dois principais segmentos: edificações e infraestrutura.

Vale observar que a queda do emprego em infraestrutura tem se concentrado nas regiões Nordeste e Sudeste: -4% e -0,1%, respectivamente, no acumulado do ano. Parte dos resultados negativos pode ser atribuída à greve ocorrida no Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT) entre junho e julho, que afetou obras em andamento e também com-

NÚMEROS DO EMPREGO NA CONSTRUÇÃO

Emprego com carteira na construção*

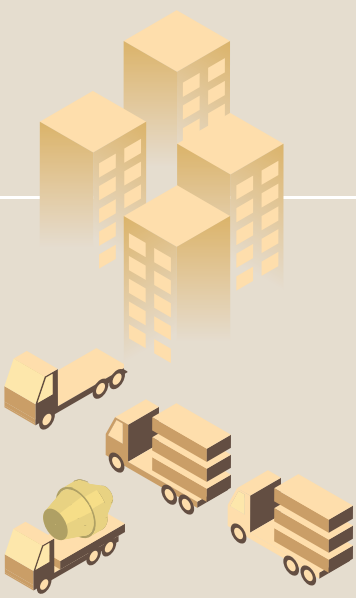
Taxas 12 meses



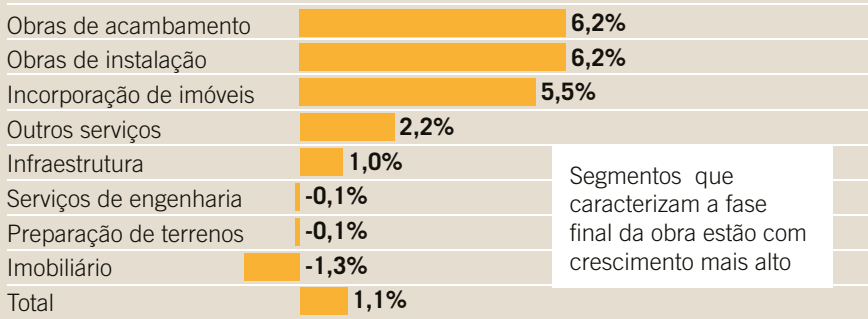
(*) A partir de agosto projeção FGV

Emprego com carteira na construção

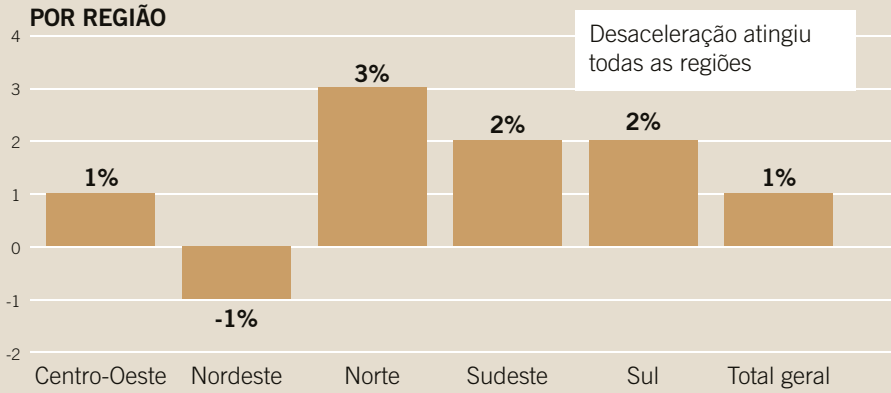
Acumulado no ano até julho, em %



POR SETOR



POR REGIÃO



Fonte: MTE/FGV-SindusCon-SP

prometeu o início das novas obras. A greve veio agravar os problemas já existentes nas obras do PAC.

No que diz respeito ao segmento de edificações, apenas a região Sul registra resultado positivo no acumulado do ano até julho. A maior retração ocorreu no Norte (-3,8%), seguida pelo Centro-Oeste (-4,0%), concentrada em Rondônia e no Distrito Federal. A desaceleração evidencia o fim do ciclo de obras iniciadas em 2010 e 2011. A redução dos lançamentos e vendas na maior parte das capitais desde 2011 agora se traduz em menor atividade setorial.

Se a atividade das empresas vem se reduzindo, a demanda das famílias ainda é vigorosa. O volume de vendas do comércio varejista de materiais de construção registra crescimento de 7,4% até julho na comparação com o mesmo período de 2012. O comércio varejista (sem considerar as vendas de automóveis e autopeças e o próprio comércio de materiais) registra alta de 3,5% na mesma comparação. Por outro lado, a produção da indústria de materiais medida pelo indicador do IBGE aponta alta de 2% na mesma comparação, refletindo impacto maior da desaceleração da atividade das empresas.

O PIB da construção apontou taxa de crescimento de 1,4% no semestre, com uma aceleração no segundo trimestre que também foi registrada pelas vendas no comércio varejista.

Vendas e lançamentos

A desaceleração do crescimento do segmento de edificações está relacionada em grande medida à queda nas vendas de imóveis residenciais nos dois últimos anos. Em Belo Horizonte, por exemplo, essa queda chegou a quase 56% na comparação de 2012 com 2010. Em Recife, foi de 15%, sendo que em 2012 já houve uma recuperação. Em Porto Alegre e São Paulo, as vendas caíram 17% e 25%, respectivamente, na mesma comparação. Com a redução das vendas, as empresas reduziram também os lançamentos realizados no período.

Em 2013, São Paulo mostra recuperação expressiva, com crescimento de 46% das vendas no primeiro semestre do ano em relação ao mesmo período de 2012. Em Recife, Belo Horizonte e Porto Alegre, as ven-



SONDAGEM

Segue pessimismo com desempenho das empresas

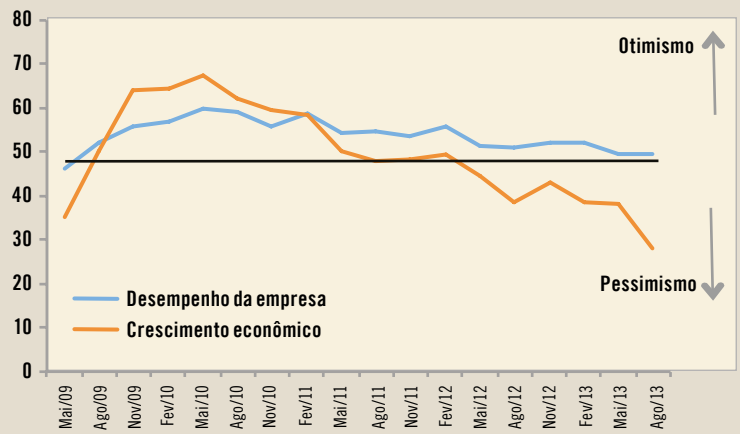
A Sondagem da Construção – parceria do Sinduscon-SP com a FGV/Ibre – realizada em agosto não apontou mudança significativa de cenário para o setor na avaliação dos empresários consultados. A deterioração na percepção de desempenho das empresas captada na pesquisa anterior prosseguiu em agosto. Pelos segundo mês consecutivo, o indicador permaneceu abaixo de 50.

Novamente a avaliação dos quesitos referentes à rentabilidade e ao emprego puxou para baixo o indicador de desempenho, que registrou nova queda na comparação com o resultado do trimestre anterior. Por outro lado, nessa mesma comparação houve melhora na avaliação referente a volume de negócios e faturamento. Na comparação interanual, o desempenho atual também está pior. Outro indicador que manteve a tendência de piora na comparação trimestral e interanual foi o de dificuldades financeiras.

A boa notícia veio da avaliação em relação aos próximos meses. As perspectivas de desempenho da empresa melhoraram em relação à pesquisa de maio e na comparação interanual embora ainda apontem uma percepção inferior à verificada em 2012 As perspectivas em relação aos custos setoriais também melhoraram tanto na comparação trimestral quanto interanual.

Se não houve mudança expressiva na avaliação do cenário setorial, os empresários, que já estavam pessimistas apontaram, piora expressiva nas perspectivas da economia.

Evolução do desempenho e perspectivas de crescimento, Brasil



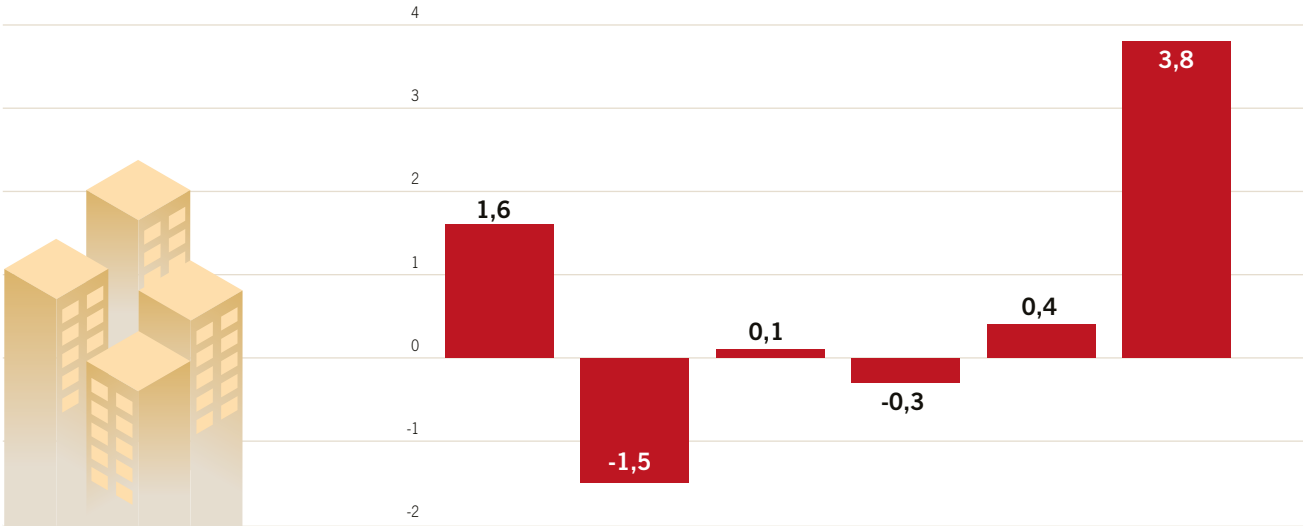
Fonte: SindusCon-SP/Ibre-FGV

Os dados apresentados estão dispostos numa escala que vai de "0" a "100", tendo o valor "50" como centro. Isso quer dizer que valores abaixo de "50" podem ser interpretados como um desempenho, ou perspectiva, não favorável. No caso de dificuldades financeiras, no entanto, valores abaixo de "50" significam dificuldades menores.

NÚMEROS DA PRODUÇÃO

PIB da construção

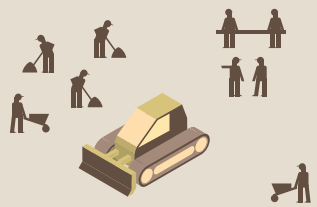
Trimestre contra trimestre anterior (%)

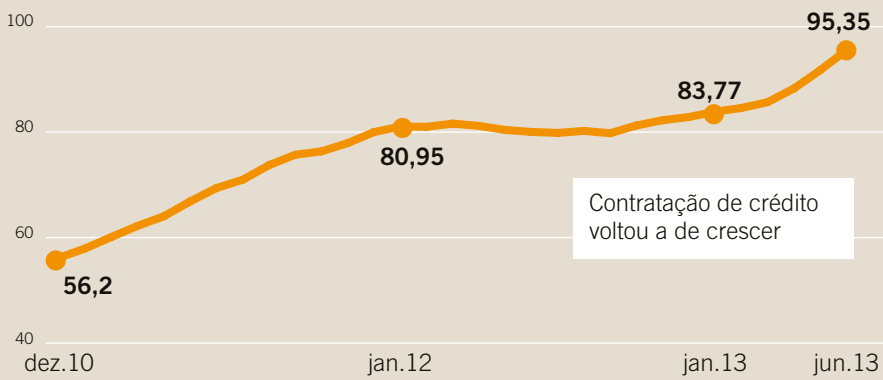


Fonte: IBGE

SBPE: Contratações acumuladas em 12 meses até junho

Em R$ bilhões



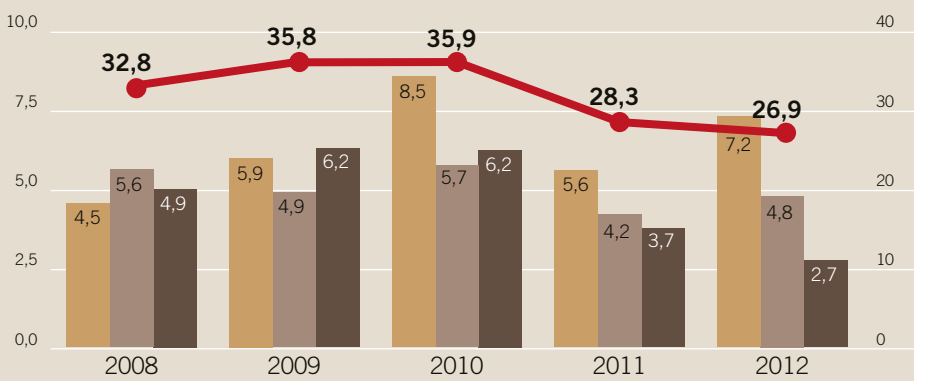


Fonte: Abecip

Mercado imobiliário residencial

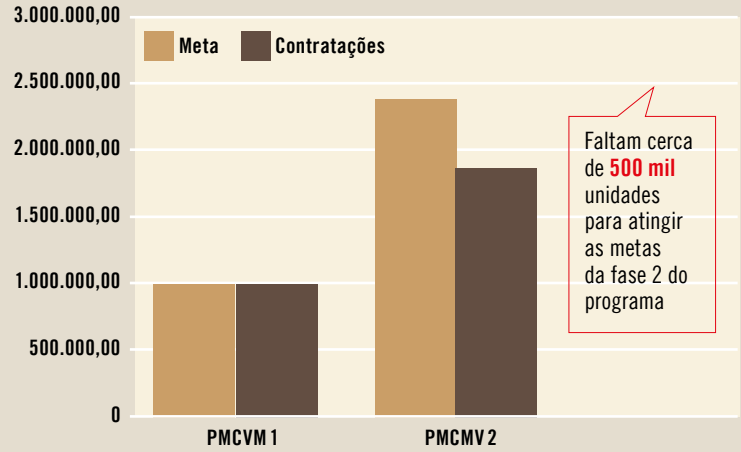
Vendas, em mil

- São Paulo
- Recife
- Porto Alegre
- Belo Horizonte



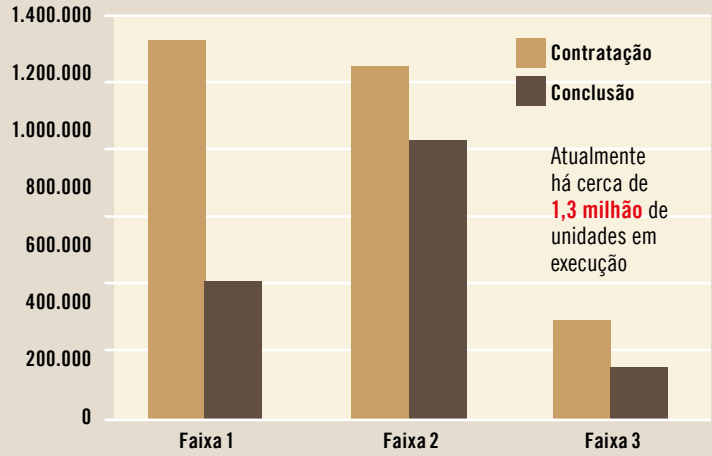
Fonte: Secovi-SP, Sinduscon-MG, Sinduscon-RS, CBIC

Programa Minha Casa Minha Vida – Metas e contratação



(*) Até 21 de agosto . Fonte: Ministério das Cidades

Contratação e conclusão, por faixa de renda



MINHA CASA, MINHA VIDA

Programa sustenta o crescimento setorial

De acordo com o Ministério das Cidades até 21 de agosto, 2,9 milhões de unidades foram contratadas pelo Programa Minha Casa, Minha Vida, sendo que 1,6 milhão de unidades foram concluídas. Assim, há atualmente cerca de 1,3 milhão de unidades em execução, faltando cerca de 500 mil para o alcance da meta de contratação. Certamente são números que permitem dizer que o programa continua sendo fundamental na sustentação do crescimento setorial. No entanto deve começar a perder influência a partir de meados de 2014, se um novo ciclo de obras não for anunciado. Os números da Paic-IBGE mostram que o programa, de fato, impulsionou ainda mais as atividades setoriais, levando a um crescimento recorde da construção no período 2009-2011.

das foram menores nesse mesmo período.

Esses dados traduzem o desempenho de apenas parte do mercado imobiliário do País, uma vez que não se dispõe de dados mais abrangentes. O resultado das vendas vai determinar a dinâmica nos próximos meses, com reflexos mais fortes em 2014.

Em contrapartida, o crédito habitacional voltou a registrar taxas de crescimento de dois dígitos: até junho, o volume de contratações aumentou 34% em relação a 2012. No entanto, os financiamentos de imóveis prontos continuam prevalecendo em relação a imóveis em construção.

Custos

A desaceleração no ritmo de contratação dos trabalhadores com carteira tem contribuído para diminuir também as dificuldades das empresas em conseguir mão de obra qualificada. No entanto, os custos setoriais não mostram uma evolução muito mais favorável em 2013 na comparação com 2012. O INCC-DI registra a maior alta acumulada em 12 meses entre os componentes do IGP (7,86%). O componente mão de obra apresenta em 12 meses até agosto aumento de 9,89%. No mesmo período do ano passado, a alta foi de 10,23%. O índice relativo a materiais, equipamentos e serviços registrou aceleração, passando de 4,57% para 5,71% na mesma comparação.

Perspectivas

As taxas declinantes do emprego nas fases antecedentes do ciclo de obra empurram mais para frente a recuperação do crescimento dos segmentos de edificações e infraestrutura. O setor continua contratando: foram mais de 120 mil postos criados até julho. Apesar do crescimento, foram criadas 45% menos vagas do que no mesmo período de 2012. Assim, até julho, o estoque de trabalhadores na construção cresceu apenas 1,1%. As projeções agora mostram que o emprego não deve apresentar crescimento em 2013.

Vistos em conjunto, esses dados deixam claro que o bom momento da demanda das famílias é que deve sustentar o desempenho do PIB setorial em 2013, revisto para 2%.